

Crescimento da classe média anima país diante da crise

(Não Assinado)

28/09/2008 às 08:36

Quando os Estados Unidos espirram, diz a frase popular, o Brasil pega uma gripe. Mas, em face da atual crise que contamina o sistema financeiro americano, a economia brasileira exhibe saúde inédita. E um dos principais indicadores da robustez do país é o aumento da classe média. Desde 2002, essa parcela da população, com renda familiar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.561, aumentou de 44% para 52%, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O fenômeno reverte as duas décadas de estagnação iniciadas nos anos 80. E, para o professor da FGV Marcelo Neri, há dois fatores por trás dessa evolução. O primeiro é a educação. A qualidade do ensino no Brasil pode ainda ser medíocre, mas os brasileiros entre 15 e 21 anos têm hoje em média três anos a mais de escolaridade do que tinham os jovens na mesma faixa etária no começo da década passada.

Outro fator invocado por Neri é a migração de trabalhadores do mercado informal para empregos com carteira assinada. A criação de empregos formais aumentou 40% no ano encerrado em julho, em relação aos 12 meses anteriores. O desemprego de 7,6% em agosto foi o segundo menor aferido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde 2002, quando foi adotada a atual metodologia de cálculo. A taxa ficou atrás apenas de dezembro do ano passado (7,4%). Mas, no último mês do ano a taxa sempre tende a ser menor.

Os programas governamentais de transferência de renda como o Bolsa Família também ajudam a explicar a diminuição da desigualdade e o aumento da classe média – ao contrário do que acontece, por exemplo, na expansão econômica da China e da Índia.

Entrar na classe média significa também entrar num novo mundo de consumo, boa parte dele moldado pelas novelas, que vendem um padrão de beleza e prosperidade. Pode ser a compra do primeiro carro, da TV de plasma ou da lipoaspiração paga em dez prestações.

E essas aquisições quase sempre ocorrem com pagamento parcelado, porque o aumento do poder de compra da classe média também está ligado à expansão do crédito. De fato, hoje 65% dos carros são vendidos a prestação, em financiamentos de 42 parcelas em média. A oferta total de crédito no país aumentou 20% em 12 meses.

A expansão do crédito tem sido tão substancial que já existe o temor de um calote generalizado – como aconteceu com os financiamentos imobiliários nos Estados Unidos. "Se você perguntasse aos bancos, eles diriam que desejam diminuir os empréstimos. Mas nenhum quer perder participação de mercado", disse Ilan Goldfajn, do fundo Ciano Investimentos, à revista inglesa The Economist.

Goldfajn, aliás, sugere que já pode ser tarde para os brasileiros se safarem de uma ressaca da festança do crédito.

Fonte: Senado Federal